



MANGÁ E ENSINO DE HISTÓRIA: DIÁLOGOS ENTRE HISTÓRIAS SENSÍVEIS E O NOVO HUMANISMO

Manga and history teaching: dialogues between sensitive histories and the new humanism

Le manga et l'enseignement de l'histoire: dialogue entre des histoires sensibles et le nouvel humanisme

Dionson Ferreira Canova Júnior¹

Resumo: O presente artigo analisa o mangá Gen Pés Descalços (*Hadashi no Gen*), de Keiji Nakazawa, como fonte para tratar das histórias sensíveis sobre a Segunda Guerra Mundial no Japão a partir do conceito de Novo Humanismo proposto por Jörn Rüsen. Em estágio inicial de discussão, a pesquisa, de natureza bibliográfica, busca refletir sobre o ensino de história relacionado a temáticas socialmente vivas e que dialoguem com a construção de uma identidade voltada para a alteridade por meio da tematização da humanidade pelos estudantes. Com base nisso, propomos pensar em uma aprendizagem histórica voltada para a discussão sobre as experiências históricas que abordam sofrimento e dignidade humana.

Palavras-chave: Mangá. Novo humanismo. Histórias sensíveis. Ensino de história.

Abstract: The present article analyzes Keiji Nakazawa's manga Barefoot Gen (*Hadashi no Gen*), as a source for addressing sensitive stories about World War II in Japan, using the concept of New Humanism proposed by Jörn Rüsen. In its initial stage of discussion, this bibliographic research aims to reflect on history teaching related to socially living themes and that engages with the construction of an identity oriented towards otherness through the thematic exploration of humanity by students. Based on this, we propose considering historical learning focused on discussing historical experiences that engage with suffering and human dignity.

Keywords: Manga. New humanism. Sensitive histories. History teaching.

Résumé: Cet article analyse le manga Gen d'Hiroshima (*Hadashi no Gen*), de Keiji Nakazawa, comme la source pour aborder les histoires sensibles sur la Seconde Guerre mondiale au Japon à partir du concept de Nouvel Humanisme proposé par Jörn Rüsen. En stage initial de discussion, la recherche de nature bibliographique, a comme but réfléchir sur l'enseignement d'histoire, associé à des thématiques socialement vivantes et qui dialoguent avec la construction d'une identité tournée vers l'altérité, par la thématisation de l'humanité par les étudiants. Sur

¹ Mestre em História pela UFPE (Universidade Federal de Pernambuco), Recife, Pernambuco, Brasil. Atualmente, com bolsa Capes, é doutorando pela mesma universidade. E-mail: dionsoncanova@gmail.com; Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5680854067918717>; Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-0817-4019>.

cette base, nous proposons une réflexion sur l'apprentissage historique tourné à la discussion sur les expériences historiques qui abordent la souffrance et la dignité humaine.

Mots-clés: Manga. Nouvel humanisme. Histoires sensibles. L'enseignement de l'histoire.

Introdução

Refletir sobre as experiências humanas por meio das diversas formas como elas são externalizadas evidencia as complexidades às quais o ser humano esteve submetido ao longo do tempo, proporcionando diferentes caminhos para explorar determinadas temáticas. Problematicar os sujeitos e os eventos históricos, formalizar novos conhecimentos e pensar sobre a disciplina de História em sala de aula é uma tarefa árdua, mas motivante. O currículo de História de Pernambuco reservou para o 3º ano do Ensino Médio a temática da Segunda Guerra Mundial². Um dos objetos de conhecimento sobre o qual os acadêmicos, principalmente historiadores, debatem, é a natureza dos regimes fascistas e o tema, hoje bastante discutido, passados/histórias/temas sensíveis.

Uma das formas de analisar a Segunda Guerra Mundial é através dos testemunhos. Seja na forma verbal ou imagética, a memória de um testemunho se manifesta como uma necessidade de narrar aos outros sua condição de sobrevivência, onde aquele que transmite/narra possa passar seu sentimento a outros. Logo, testemunhar é uma transmissão a outrem que precisa de veracidade para ser atestado como categoria. Da mesma forma, testemunhar é um compromisso ético e social enquanto trabalho de memória coletiva. Narrar o indizível em um mundo real onde muitas vezes paira uma esperança estéril diante da situação, permite uma reconstrução da vida, ainda que não possamos transmitir o passado com exatidão. A testemunha permanece com vínculos com a sociedade, com aqueles que sobreviveram, futuras gerações e com os mortos que não podem mais falar.

O trauma é a destruição da realidade. Um passado que não passa e que anseia por justiça e respostas no presente. As memórias das vítimas da Segunda Guerra Mundial nos permitem vislumbrar como a temática está socialmente viva e é indispensável que os professores não se apartem de histórias sensíveis em sala de aula. Nesse contexto, tratar sobre os direitos humanos e sobre a dignidade humana frente às tensões sociais, culturais e políticas é imprescindível na construção de uma sociedade mais humana e em sua formação de identidade cultural.

2

Disponível em: https://portal.educacao.pe.gov.br/wp-content/uploads/2023/08/Organizador_Curricular_FBG_Historia.pdf. Acesso em: 29 jul. 2024.

Assim, o Novo Humanismo proposto por Jörn Rüsen (2015; 2021) nos leva a repensar sobre a dignidade humana ao longo do tempo através da experiência histórica. A condição humana e o processo de humanização diante da globalização, onde, em um nível global, há variadas diferenças sociais, políticas e culturais que produzem consciência histórica, permite construir através da aprendizagem histórica com os estudantes, uma relação de reconhecimento sobre o Outro, onde a identidade pessoal e social possa não ser definida pela exclusão em sua formalização mas pelo entendimento dos sujeitos e sua ideia de humanidade ao longo do tempo, buscando integrar uma comunicação cultural com outras identidades culturais.

À vista disso, o presente trabalho analisará o mangá (histórias em quadrinhos no Japão) *Gen Pés Descalços (Hadashi no Gen)*, de Keiji Nakazawa (1939-2012), enquanto produto cultural e fonte historiográfica, para pensar o conceito de Novo Humanismo debatido por Jörn Rüsen numa perspectiva que objetive o testemunho como uma ferramenta para se trabalhar abordagens teóricas e metodológicas que perspectivam um ensino pautado na elaboração da aprendizagem histórica acerca do conhecimento do passado e no desenvolvimento da consciência histórica sobre histórias sensíveis. Nesse sentido, é possível pensar o Novo Humanismo numa perspectiva das histórias sensíveis sobre o Japão na Segunda Guerra Mundial a partir do mangá?

Novo Humanismo, histórias sensíveis e ensino de história

O termo Humanismo, entre o final do século XVIII e o início do século XIX, trouxe consigo uma nova compreensão e interpretação da vida humana. Assim, abordou uma perspectiva global sobre cultura e diferenças culturais. Rüsen (2015) entende a cultura através dos desdobramentos históricos que fluem entre experiência e expectativa. Essa diversidade cultural indica novas formas de compreender e interpretar o ser humano em um contexto globalizado, onde uma nova consciência do ser humano corresponde à "dignidade", uma ideia de valor e moral que confere ao homem um propósito em si mesmo.

No século XXI, Rüsen (2021) apresenta um Novo Humanismo. O autor busca superar ou remodelar os valores tradicionais modernos do Ocidente. É importante notar que suas ideias derivam dos estudos de Kant e são influenciadas pelo pensamento ocidental. Isso não impede a análise do Japão sob esse conceito. Existem estudos que discutem o humanismo na China e na Índia, por exemplo, respeitando suas particularidades. O Novo Humanismo que Rüsen defende trata da humanização do conhecimento histórico, onde, por meio dos estudantes, ocorre uma

aprendizagem histórica fundamentada na relação de reconhecimento do Outro, promovendo o pleno desenvolvimento da consciência histórica através de sua identidade.

E como pensar esse conceito sob a perspectiva das histórias sensíveis? Tratar de passados/histórias/temas sensíveis em sala de aula é enfrentar dilemas, problemas e tensões pedagógicas em determinada temática. O caso brasileiro sobre o período da ditadura civil-militar (1964-1985) ainda se mostra com imensas dificuldades em tratar desse passado recente tanto nas instituições escolares quanto no âmbito social.

Temas como racismo, gênero, religião e política, por exemplo, são delicados de se tratar em sala de aula devido à complexidade da temática e à relação entre o que é ministrado e o que é entendido como uma disputa pelo poder e saber frente às discussões. As memórias individuais e coletivas dos alunos são carregadas de discursos e percepções e podem gerar incômodos quando são confrontadas. Contudo, trabalhar histórias sensíveis é mergulhar nos acontecimentos e inquietações que nos permitem viabilizar processos de reflexão na construção da aprendizagem histórica.

Alberti (2014, p. 3), ao tratar sobre as questões sensíveis, nos fala que:

[...] o ensino de questões sensíveis e controversas não tem como objetivo chocar ou apenas dar a conhecer eventos chocantes do passado. O objetivo é suscitar a reflexão dos alunos. É preciso saber passar de fase, nesse jogo: da sensibilização para a reflexão. Não adianta ficar chocado, só; com bolo no estômago, só. É preciso transformar o conhecimento em trabalho de reflexão: como foi possível chegarmos a esse ponto?

Histórias sensíveis tratam de passados que, no tempo presente, lidam constantemente com disputas em torno da memória. A reflexão sobre tais questões permite o desenvolvimento dos estudantes frente às construções sociais e políticas e sua compreensão do passado diante da formulação da consciência histórica. Logo, a escola se coloca como um espaço privilegiado que concede aos estudantes a oportunidade de refletir sobre o mundo globalizado e sobre as violências e injustiças. Assim, tratar de histórias sensíveis é se posicionar frente ao mundo, partilhando o sensível entre o grupo e construindo uma ideia de humanidade fincada na dignidade humana.

Um caminho para refletir sobre a construção de identidade e da diversidade cultural sob a perspectiva do Outro é através do mangá *Gen Pés Descalços*, de Keiji Nakazawa, que aborda suas experiências como sobrevivente da Segunda Guerra Mundial. O autor tinha seis anos no dia 6 de agosto de 1945, quando a *Little Boy*, uma bomba de fissão de urânio utilizada pelos Estados Unidos, foi lançada sobre a cidade de Hiroshima. Lançado entre os anos de 1973 e

1975, o mangá acompanha Gen, nome dado ao personagem que o representa, e sua família durante a Guerra do Pacífico (1941-1945), que ocorreu paralelamente à Segunda Guerra Mundial. No contexto da obra, percebemos que o pai de Gen é um homem que se posiciona contra o conflito diante de uma sociedade, em sua maioria, que estava de acordo com as políticas externas adotadas pelo país.

Após o impacto da bomba e suas consequências, Gen acaba se tornando um *hibakusha*, uma pessoa afetada pela bomba. Juntamente com os sobreviventes de sua família e amigos que encontra ao longo do caminho, ele luta para sobreviver no Japão do pós-guerra. Assim, a obra mostra Hiroshima e o processo social de retomada da população, evidenciando conflitos de identidade e pertencimento relacionados ao valor da guerra. Há aqueles que apoiam com base nos discursos sobre o *Yamato damashii* 大和魂 (espírito japonês)³ e aqueles que se opõem ao conflito, abordando o sofrimento tanto do ponto de vista individual quanto coletivo. O coletivo abarca tanto japoneses quanto pessoas de outras nacionalidades.

O Japão busca expandir seus domínios e, desde a Primeira Guerra Sino-Japonesa (1894-1895), adota uma política externa agressiva para aumentar sua influência na região. Na década de 1930, a invasão da Manchúria e a proposta da Esfera de Coprosperidade da Grande Ásia Oriental revelaram a ambição japonesa de liderar e controlar uma vasta área da Ásia Oriental, que inclui o Japão, Manchukuo (um estado fantoche japonês na Manchúria), China, Coreia e outros territórios da região.

Durante a ocupação japonesa na guerra, tanto em territórios como a China e a Coreia quanto no próprio Japão, civis enfrentavam abusos e discriminação por motivos de nacionalidade e etnia. Esses abusos incluíam restrições severas, tratamento desigual e, ocasionalmente, atrocidades como massacres. As políticas discriminatórias visavam a segregação e sustentavam a opressão colonial japonesa por meio de um sistema de vigilância que desconsiderava a dignidade dos outros.

Para justificar sua expansão, o Japão usava discursos antiocidentais e pan-asiáticos para ocultar suas reais intenções de dominação. A militarização e o nacionalismo alimentavam atitudes xenofóbicas e racistas, com a população frequentemente aceitando uma ideologia de

³Sasaki (2011) afirma que o *Yamato damashii* 大和魂 é a essência japonesa, que reflete o modo de fazer as coisas e a tradição japonesa, e que, antes da Segunda Guerra Mundial, o termo foi promovido e associado à ideologia imperial. Hirata (1998) discorre que o termo alude à fidelidade ao imperador e ao amor à pátria, embora não traduza completamente o seu real significado.

superioridade racial. Os japoneses eram retratados como uma raça superior, enquanto outras etnias eram vistas como inferiores, frequentemente devido à cor da pele e estereótipos.

Gen Pés Descalços é o testemunho de Keiji Nakazawa diante da experiência de um evento catastrófico que abala mente e corpo. Por meio de uma narrativa imagética, sua memória permanece viva. O que se vive nessa história sensível é a capacidade de interpretar e dar sentido à experiência. Embora se apresente como uma quebra da realidade diante de uma situação-limite, o trauma opera entre certezas e inquietações, silêncios e vozes que clamam por narrar o indizível, numa luta constante contra o esquecimento. Testemunhar é também integrar-se à sociedade. Nakazawa utiliza-se de um produto cultural para transmitir suas memórias, produzindo marcas presentes e visíveis para aqueles que não testemunham ou que necessitam fazer parte dessas memórias. Nesse sentido,

Confrontados ao extermínio individual e coletivo, alguns sobreviventes sentiram-se na obrigação de deixar uma marca, um traço, testemunhando a própria experiência e, apesar da maioria ter afirmado que pode-se dizer impressionantemente pouco sobre essas vivências extremas, tentaram assim mesmo tornar presente e manter atual aquilo que ali foi posto a nu, escrevendo justamente sobre esse ponto enigmático no qual foram reduzidos ao lixo do mundo, como se precisassem transmitir a verdade da realidade. O testemunho, ao confrontar a humanidade com sua parte maldita e chamar a atenção para a posição ética que consiste transmitir o indizível, se tornou a forma privilegiada de narrar uma experiência qualificada de intransmissível justamente por aqueles que tentaram transmiti-la. Essa escrita nasceu de uma proximidade anormal com a morte, uma tentativa encontrada por alguns para integrar, ainda que minimamente, o excesso de real em jogo na experiência traumática (KOLTAI, 2016, p. 24).

O testemunho assumiu, entre os séculos XX e XXI, um lugar que busca remeter ao real, ainda que a realidade não possa ser representada em sua totalidade. Entretanto, representar o trauma e discutir essas histórias sensíveis nos faz refletir sobre a ideia do que é ser um ser humano. A prática da violência está inserida na subjetividade humana a ponto de indagar sobre a dignidade humana em um contexto humanístico. Nesse caso, testemunhar é muito mais do que uma confissão, sendo, assim, um ato que expõe significados além das próprias memórias. Aquele que narra atesta não somente sua experiência, mas revela “verdades” que produzem sentido.

A Segunda Guerra Mundial no Japão gerou testemunhos que ajudam a entender a complexidade do trauma na identidade social. A transmissão dessas memórias ao longo do tempo possibilita utilizá-las para compreender a humanidade como questão central e reflete uma abordagem mais integrada e reflexiva, que busca transcender a mera acumulação de fatos históricos para explorar o significado e a relevância desses eventos no contexto mais amplo da experiência humana. Gen Pés Descalços contribui para uma aprendizagem histórica

humanística em termos de suas implicações e interconexões, mostrando como as histórias sensíveis moldam e são moldadas pela experiência humana.

Seth (2011) descreve que o humanismo é a afirmação de que todos temos algo em comum e o mesmo direito à dignidade e ao respeito. Todavia, a problematização que o autor faz paira sobre o questionamento se a compreensão antropológica e a busca por uma racionalidade única são os melhores métodos para reconhecer a semelhança e o valor dos seres humanos. Em outras palavras, questiona se o humanismo é a melhor maneira de afirmar a dignidade e o caráter comum da humanidade. Seth (2011, p. 6, tradução nossa) descreve que “desenvolver um conhecimento do mundo histórico ou cultural equivale a desvendar intenções e significados. De fato, no mundo histórico é onde se manifestam, através das marcas que deixam, as significações e os desígnios dos homens”.

O homem precisa conhecer a si mesmo e ao mundo para poder interpretá-lo e desenvolver sua identidade. A construção dessa identidade passa pela análise do mundo exterior, na qual forma-se a alteridade e onde o processo de exclusão numa relação cultural com o Outro é desenvolvido. É necessário entender o processo de desumanização do homem em um contexto histórico para que os estudantes possam valorizar a humanidade.

Contudo, a apropriação do tempo é essencial enquanto processo de desenvolvimento de uma historicidade que permita entender o valor inerente do homem à sociedade de acordo com a sua temporalidade. Assim, Rüsen (2015, p. 38) discorre que “a interpretação humanista da experiência histórica deve conduzir para a ideia empiricamente fundada da história enquanto um processo integral da humanização do homem. Neste contexto, deve ser abordada a questão dos direitos humanos”.

O conhecimento histórico possibilita o homem conhecer a si. A carência de orientação que produza intenção no agir do homem impede de haver uma aprendizagem histórica voltada a uma diversidade de experiências humanas no tempo. A internalização da humanidade nos processos de aprendizagem implica que os estudantes devem ser incentivados a refletir sobre como os eventos históricos ressoam em suas próprias vidas e nas sociedades contemporâneas. A história deve ser abordada em termos de suas múltiplas manifestações, considerando a diversidade de experiências humanas e as mudanças que ocorrem ao longo do tempo.

Incorporar a humanidade como uma dimensão central significa que os alunos devem compreender a história não apenas como uma sequência de acontecimentos, mas como um

processo contínuo que afeta e é afetado pelas pessoas em suas diversas dimensões. Isso cria uma visão voltada à empatia histórica, onde os alunos percebem os eventos passados como relevantes para a compreensão do presente e do futuro, entendendo que cada acontecimento histórico é único e respeitando os sujeitos e suas ações no tempo. Nesse sentido:

A experiência histórica é a consciência de que as formas de vida do passado são diferentes das de hoje. Esta diferença deve ser reconhecida, e, ao mesmo tempo, ligada com a ideia de uma mudança temporal. É a mudança do estranho em direção às formas de vida conhecidas. Os estudantes devem perceber, ao mesmo tempo, que as pessoas no passado tinham conceitos diferentes sobre o que significava ser um ser humano (RÜSEN, 2015, p. 37).

A argumentação de Rüsen nos mostra que a experiência histórica é fundamental no entendimento do homem ao longo do tempo. Entretanto, não há uma experiência sem interpretação, como também, não há uma formação de identidade pessoal sem apartar da dimensão social. Rüsen (2021) fala que o humanismo sobreviveu e sua existência foi reivindicada contra todas as formas de opressão e destruição da dignidade humana, exemplificada, segundo o autor, pelas duas guerras mundiais. No tempo presente, o autor aborda que os conflitos recentes entre diferentes tradições culturais permitem o humanismo existir como uma forma cultural de vida humana social na qual a relação entre identidade e alteridade seja respeitada.

Rüsen (2021) continua sua análise ao discutir o desafio da globalização diante de um novo humanismo global, que se manifesta em novas formas não etnocêntricas e regras de comunicação intercultural. Essas transformações podem ser entendidas como um novo tempo axial, no qual o conceito de humanismo se torna mais inclusivo. Assim, o Novo Humanismo trata dos novos valores na construção de um equilíbrio na humanidade marcada por tensões de modo global. Na era da Globalização, principalmente marcada pelos blocos econômicos, capitalismo comercial e ausência de fronteiras culturais, se faz necessário discutir as particularidades e diversidades mesmo numa escala global que está inserida em fundamentalismo, terrorismo, fome, pobreza e miséria, conforme abordado pelo autor.

O Novo Humanismo lida com a orientação cultural e a interculturalidade (Rüsen, 2021). Esta orientação, que dá sentido e significado à vida humana, atenta diretamente com sua identidade e a do Outro. O Novo Humanismo é uma reconfiguração nos valores vigentes de modo que estes precisem ser moldados ou ainda, substituídos por novos, para tratar da globalização e das culturas que se desenvolvem nela, pois humanismo seria “[...] um recurso

fundamental e uma referência para a natureza cultural dos humanos na orientação a vida humana, bem como um alinhamento desta com o princípio da dignidade humana” (RÜSEN, 2015, p. 25).

Quando abordamos a dignidade humana, consideramos histórias difíceis ou *burdening history*, um conceito criado por Borries (2018) para tratar das experiências passadas que envolvem culpa, dano ou vergonha, e que precisam ser analisadas historicamente na contemporaneidade, levando em conta os contextos relacionados a raça, religião, guerra, cultura, etc. Assim, o *burdening history* é concebido para dialogar sobre temas controversos e relevantes na sociedade, não apenas para discutir os direitos humanos, mas também para promover a responsabilidade social do historiador na formação cidadã dos estudantes, contribuindo para uma democracia mais crítica e justa.

Ao analisar o ensino de história e as dimensões da consciência histórica — Cultura Histórica, Identidade Histórica e Competência Histórica — Borries (2018) examina como se projeta a consciência histórica na sociedade, tanto como objeto quanto como objetivo do ensino de história. A primeira dimensão lida com a recepção das narrativas históricas na sociedade; a segunda trata da temporalidade, envolvendo a interpretação do passado, a percepção do presente e a expectativa de futuro por meio do autoconhecimento dos grupos e indivíduos no tempo; e a terceira refere-se ao pensamento histórico. Nesse contexto, para a formação da identidade histórica do indivíduo em relação ao Outro, é necessário que haja uma compreensão da história que internalize as experiências, uma vez percebidas e interpretadas.

Para a formação da identidade em relação à dignidade humana, não se pode pensar apenas em uma análise cognitiva; é necessário considerar também as emoções humanas relacionadas ao passado, pois:

O fato de que nesse caso estão em jogo apenas processos cognitivos é muitas vezes assumido tacitamente, mas é uma grande e perigosa ilusão. A história sempre tem a ver também com motivação e emoção, estética (prazer na formatação) e moral (aplicação de parâmetros éticos). Sobretudo não é possível separá-la nitidamente de imaginação e fantasia, e ela é influenciada também por tendências instintivas inconscientes (projeção, transferência, deslocamento, compulsão à repetição) (BORRIES, 2018, p. 20).

A escola, como espaço, proporciona uma experiência social e cultural. O mangá se evidencia como uma importante ferramenta para a Aprendizagem Histórica, visto que a narrativa imagética contida nele articula-se com temáticas cruciais para o ensino de história,

envolvendo política e cultura no processo de ação do ser humano. É importante destacar seu papel na compreensão histórica dos alunos em relação a temas sensíveis, além de sua utilidade como ferramenta para a interpretação de fontes. A utilização do mangá busca entender como os estudantes reagem à Segunda Guerra Mundial no Japão, a partir das bombas nucleares, e como constroem suas relações com o passado, de modo que possam levar a uma Aprendizagem Histórica no presente por meio das experiências históricas. Nesse sentido:

No entanto, existem outras maneiras igualmente poderosas de acessar as lembranças do povo japonês da Segunda Guerra Mundial. Um recurso chave, que os estudiosos geralmente negligenciam, é o mangá popular. No período pós-guerra, as editoras japonesas produziram muitos mangás que tratavam explicitamente com a guerra. O mangá japonês sobre a Segunda Guerra Mundial, que estou definindo aqui como histórias que ocorreram durante a guerra, apareceu pela primeira vez no final dos anos 1950. Tais trabalhos foram publicados e distribuídos pela primeira vez através do *kashihonya* (bibliotecas-pagas), e mais tarde nas revistas masculinas semanais que foram criadas já em 1959. Em ambos os lugares, as obras foram classificadas pelo termo japonês *senki mono* (registros de guerra), dando a ilusão de que as obras estavam transmitindo histórias reais de guerra. Na verdade, a maioria apenas combinava detalhes fictícios com lugares históricos, personagens, datas e figuras reais. Eles foram um recurso regular em revistas de mangá nos próximos vinte e cinco anos e ainda aparecem hoje (NAKAR, 2008. p. 177-78, tradução nossa).

O termo *senki mono* foi uma oportunidade para que as vozes da guerra fossem ouvidas ao compartilhar suas histórias. Imerso em suas experiências e crítico contemporâneo de seu tempo, o autor aprendeu que, mesmo em seu tempo presente, é necessário se afastar da temporalidade para lidar com ela. Este gênero, que trata dos registros da guerra, passou a abordar histórias sensíveis com mais propriedade. Como produto cultural, a obra foi traduzida e, nos anos 2010, teve seu lançamento em dez volumes no Brasil. Sua análise e reflexão em sala de aula contribuem para uma abordagem humanista da história, que, segundo Rösen (2015, p. 30), “[...] é a experiência da diversidade cultural no mundo vivo dos estudantes, uma vez que já está presente na variedade de suas bases culturais e — mais concretamente para o ensino da história — em sala de aula”.

À vista disso, a Figura 1 sobre o impacto da bomba em Hiroshima nos permite questionar alguns pontos:

Figura 1 – Nascimento de uma criança após a bomba nuclear de Hiroshima



22
Fonte: Nakazawa (2011, p. 22).

A mãe de Gen ergue a filha recém-nascida diante da destruição causada pela bomba, em meio ao fogo, e discursa sobre a guerra. A mensagem da imagem é que, ao atingir a maturidade, a filha impediria que a mesma situação se repetisse. Para isso, seria necessário desenvolver uma consciência histórica, na qual a discussão do passado impactasse diretamente o presente e o futuro. Para Rüsen (2010), a consciência histórica está diretamente ligada à vida prática humana. Quando o ser humano interpreta suas experiências e as do mundo no processo de evolução temporal, a consciência histórica é produzida como uma orientação cultural intencional que atua sobre a vida prática.

Ao tematizar a humanidade, é possível discutir a política externa japonesa durante a guerra e seu envolvimento com os Estados Unidos até a bomba nuclear em Hiroshima. O estudante do 3º ano do Ensino Médio provavelmente possui um arcabouço intelectual que possibilita discutir um passado marcado por violência traumática. Livros, material jornalístico, músicas, filmes, etc., que dialoguem com algum tipo de testemunho, são recorrentes. Assim, ao ver a imagem de Gen Pés Descalços, procuramos investigar se tais eventos permanecem vivos em suas memórias, visto que o ser humano recebe informações constantemente, seja em seu lar ou pela mídia.

Pensar a Segunda Guerra Mundial sem questionar o uso das bombas em Hiroshima e Nagasaki e a destruição em massa de cidades e populações invalida os processos de memória, trauma e reparação que permanecem socialmente vivos no tempo presente e que suscitam questionamentos sobre o valor da memória e do trabalho historiográfico. Não se deve apenas problematizar a bomba atômica; é necessário problematizar as experiências históricas dos estudantes para desenvolver competências do pensamento histórico com vistas ao futuro. Como afirma Rüsen (2015, p. 38), "a experiência histórica da desumanidade é uma provocação muito importante para os estudantes perceberem a historicidade da mais profunda convicção sobre o valor inerente da condição humana".

Discutir o Novo Humanismo em sala de aula envolve o desenvolvimento do pensamento histórico. A história não é uma simples coleção de eventos apresentados para compreensão sem um tratamento historiográfico adequado. A questão central ao trabalhar o Novo Humanismo numa perspectiva de histórias sensíveis, a partir desta imagem, é a humanidade como tema central, baseada na compreensão e interpretação de eventos históricos específicos, como a Segunda Guerra Mundial. A imagem acima deve ser internalizada no processo de aprendizagem da vida humana, respeitando sua particularidade e temporalidade.

Enquanto conceito, a Aprendizagem Histórica (RÜSEN, 2012) lida com a aquisição do conhecimento sobre o passado de forma progressiva, promovendo uma mudança na apropriação e entendimento desta orientação temporal. Isso possibilita que, através da interpretação e experiência, se desenvolvam competências relacionadas ao pensamento histórico. Assim, ao propor o uso do mangá para representar o passado, entendemos que a Aprendizagem, cuja teoria é a Consciência Histórica, gera necessidades de orientação que impactam a vida prática ao analisar o passado e trazer significado para o controle cultural da vida humana.

Desse modo, a Figura 2 nos permite uma reflexão sobre identidade e alteridade que pode ser trabalhada no Novo Humanismo ao discutir as histórias sensíveis:

Figura 2 – visão japonesa sobre coreanos e chineses



Fonte: Nakazawa (2011, p. 76-77).

A imagem retrata a família de Gen e sua percepção do "Outro" de maneira estereotipada, perpetuando falácias, discursos preconceituosos e uma atitude de superioridade. Inicialmente, a mãe de Gen comenta sobre a situação dos asiáticos e as dificuldades que enfrentam, incluindo a impossibilidade de retornar devido ao trabalho forçado, o qual visa fortalecer a máquina de guerra japonesa. Quando Gen entoava uma canção depreciativa, sua mãe reforça o estereótipo de que esses indivíduos são "burros". Observa-se que o pai intervém ao repreender e orientar, afirmando que nem todo estrangeiro é negativo ou inferior, e citando especificamente americanos e ingleses como exemplos de que não são demônios nem bárbaros.

A segunda imagem é um contraste da primeira, apesar de em ambas Gen e sua mãe são sujeitos centrais na análise. Enquanto a Figura 1 lida com os efeitos destrutivos da bomba nuclear, a segunda mostra como coreanos e chineses eram retratados. Durante a década de 1960, o Japão experimentou um crescimento econômico acelerado; no entanto, na década de 1970, esse crescimento diminuiu, embora o país continuasse a exportar capitais. A obra de Nakazawa aborda sua perspectiva pessoal sobre suas memórias e, ao testemunhar e descrever a visão dos estrangeiros sob a ótica japonesa, ele reflete tanto sobre si mesmo quanto sobre o mundo ao seu redor.

Sua narrativa serve para instruir aqueles que não vivenciaram o período sobre as ações ideológicas do governo japonês. É fundamental que as gerações nascidas após a guerra compreendam que os discursos hostis contra os vizinhos na Ásia foram resultado de uma estratégia imperialista do Japão, que visava o controle social e cultural, perpetuando estereótipos, massacres e ideologias opressivas. Desse modo, ao problematizar esta imagem em sala de aula:

A aprendizagem histórica deve ser organizada como uma tentativa de intervir no processo de individualização e socialização. Esta tentativa deve estar comprometida com o propósito de ajudar os estudantes a encontrar sua identidade pessoal dentro do contexto social pré-estabelecido. Esta descoberta deve ter lugar de tal forma que ele ou ela possam encontrar o reconhecimento de sua individualidade e, ao mesmo tempo, serem capazes de reconhecer a alteridade (RÜSEN, 2015, p. 31).

Perceber o Outro ao compreender o passado e as ações de vida prática do ser humano, respeitando os sujeitos em sua temporalidade, aborda como o Novo Humanismo lida com as histórias sensíveis e a diferença. O sofrimento humano, enquanto dimensão do humanismo a partir de uma compreensão histórica, relaciona-se com as experiências históricas e a orientação cultural do ser humano. A aprendizagem histórica dos estudantes, sob o princípio da dignidade humana, deve ser abordada considerando suas experiências e sua capacidade de interpretação do mundo.

Como podem os estudantes projetar futuros se o pensamento histórico não estiver alinhado com as múltiplas objetivações do ser humano em relação à sua identidade e alteridade? A segunda imagem permite discutir com os estudantes sobre xenofobia e estereótipos na Segunda Guerra Mundial. Ao analisar o passado, o estudante se vê no presente, reconhece a si mesmo e se autoafirma ao refletir sobre a diferença cultural. Um passado distante, apesar do estranhamento temporal, pode levar o estudante a refletir sobre novas experiências.

O Novo Humanismo que não aborda as histórias sensíveis não trata da dignidade humana. O ensino de história voltado para a Segunda Guerra Mundial, particularmente no Japão, é um passado que convive com o presente; um passado recente. A aprendizagem não pode ser uma mera exposição de aula. Os estudantes precisam ser impactados pelo sofrimento para que desenvolvam uma transformação em sua identidade que promova um olhar mais sensível sobre a dignidade humana. Não há histórias sensíveis sem emoções.

Considerações finais

O presente trabalho, ainda em estágio inicial de discussão, busca tematizar a ideia de humanidade sob o conceito de Novo Humanismo de Jörn Rüsen, refletindo sobre histórias sensíveis no contexto do ensino de história. Partindo da Segunda Guerra Mundial no Japão, utilizamos o mangá *Gen Pés Descalços* (Hadashi no Gen), de Keiji Nakazawa, com o objetivo de construir uma aprendizagem histórica voltada para a promoção da dignidade humana no desenvolvimento da identidade e da alteridade dos estudantes em relação à temática.

O Novo Humanismo questiona a humanidade, levantando indagações sobre os processos de aprendizagem dentro da dimensão humana, marcada pela temporalidade. Não se trata apenas de compreender o passado e projetar o futuro. Sem uma orientação cultural, o ser humano carece de referência, o que o impede de interpretar suas experiências e formalizar uma identidade que permita projetar-se para o mundo exterior.

O humanismo é uma forma de reivindicação contra a negação da dignidade humana. A Segunda Guerra Mundial foi um evento traumático, marcado pela destruição da realidade. A política externa dos países, especialmente o Japão, foi de colonização e supressão da cultura estrangeira. *Gen Pés Descalços* não trata apenas de memórias de guerra, mas de lembranças que, por meio de um produto cultural, se tornam um documento histórico importante no diálogo da sociedade com seu passado.

O mangá é um meio de comunicação de massa que aborda o uso público da história. São memórias em disputa, considerando que sua produção ocorreu na década de 1970, período subsequente ao crescimento econômico acelerado, que levou o Japão a se tornar um exportador de capitais. Assim, entendemos que obras como *Gen Pés Descalços* estão carregadas de interesses e buscam construir sentido no presente sobre o passado. Nakazawa retoma suas memórias para lidar com o passado, reparando o silêncio e mantendo viva as lembranças. As gerações seguintes precisam aprender e interpretar a si mesmas e ao mundo, orientando-se no tempo.

Em sala de aula, problematizar sobre histórias sensíveis é lidar diretamente com emoções. A bomba em Hiroshima e a visão dos japoneses frente aos coreanos e chineses são duas particularidades que abordam a dignidade humana. São imagens contrastantes que permitem reconhecer injustiças e oferecem novas visões sobre o passado. Tratar da sensibilidade na história pelo Novo Humanismo é enfatizar a dimensão ética da história.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Referências

- ALBERTI, Verena. Palestra. In: COLÓQUIO NACIONAL HISTÓRIA CULTURAL E SENSIBILIDADES, 4., 17-21 nov. 2014, Caicó, RN. **Anais [...]**. Caicó: Centro de Ensino Superior do Seridó (Ceres), Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), 2014.
- BORRIES, Bodo Von. Lidando com histórias difíceis: tipos de reconciliação com danos e culpas históricas. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; FRONZA, Marcelo; NECHI, Lucas Pydd. (Orgs.). **Jovens e consciência histórica**: Bodo von Borries. Curitiba: W.A. Editores, 2018.
- BORRIES, Bodo Von. Relação entre sociedade, história e ensino da história. Abordagem pela competência, o “pensamento histórico” como uma nova tentativa de aproximação com o mundo dos alunos. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; FRONZA, Marcelo; NECHI, Lucas Pydd. (Orgs.). **Jovens e consciência histórica**: Bodo von Borries. Curitiba: W.A. Editores, 2018.
- GOVERNO DE PERNAMBUCO. Organizador curricular por bimestre. formação geral básica (FGB). história. **Portal Educação**, Pernambuco, 2023. Disponível em: https://portal.educacao.pe.gov.br/wp-content/uploads/2023/08/Organizador_Curricular_FBG_Historia.pdf. Acesso em: 29 jul. 2024.
- HIRATA, Yoshinobu. O destino do “Espírito Japonês”. **Estudos Japoneses**, [S. l.], n. 18, p. 23–35, 1998. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ej/article/view/142724>. Acesso em: 16 jul. 2024.
- KOLTAI, Caterina. Entre psicanálise e história: o testemunho. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 24-30, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/rPN6SbbMDf5gMXNCJpQKBtn/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 6 ago. 2024.
- NAKAR, Eldad. Framing Manga: On Narratives of the Second World War in Japanese Manga, 1957–1977. In: MACWILLIAMS, Mark Wheeler (Ed.). **Japanese visual culture: explorations in the world of manga and anime**. New York: M.E. Sharpe, 2008.
- NAKAZAWA, Keiji. **Gen pés descalços vol 1**. Tradução de: Drik Sada. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2011.
- RÜSEN, Jörn. **Humanismo e didática da história**. Curitiba: W.A. Editores, 2015.
- RÜSEN, Jörn. **Humanism: foundations, diversities, developments**. New York: Routledge, 2021.

RÜSEN, Jörn. **Aprendizagem histórica**: fundamentos e paradigmas. Tradução de: Peter Horst Rautmann; Caio da Costa Pereira; Daniel Martineschen e Sibebe Paulino. Curitiba: W.A. Editores, 2012.

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica**: teoria da história: fundamentos da ciência histórica. Tradução de: Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2010.

SASAKI, Elisa Massae. Nihonjinron - teorias da japonicidade. **Estudos Japoneses**, [S. l.], n. 31, p. 11–25, 2011. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ej/article/view/143039>. Acesso em: 16 jul. 2024.

SETH, S. ¿Adónde va el humanismo? **The Unesco Courier**. Paris, n.4, p.6-09, out./dez., 2011. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000213061_spa. Acesso em: 5 maio 2024.

Recebido em: 10 de agosto de 2024
Aceito em: 24 de outubro de 2024
